

segundocaderno@oglobo.com.br

CAETANO VELOSO

No rádio do carro

Ouço na Rádio MEC três temas de Tom Jobim com Arthur Nestrovski ao violão e fico impressionado com a sonoridade do instrumento. Parece que a nitidez e a limpidez das notas nascem do sentimento que o violonista experimenta ao defrontar-se com as ideias musicais do autor, não um consequimento técnico devido a treinamento exaustivo — embora treinamento exaustivo tenha naturalmente sido necessário para que o resultado fosse esse. Ouço na MPB FM Seu Jorge cantando divinamente um samba de andamento médio em que um surdo sobrenatural comenta toda a história de tristeza e superação que marca o gênero. Como é tarde, a emissora não dá os créditos: terei de encontrar a gravação ouvindo várias outras do cantor. Posso também simplesmente perguntar a ele ou a pessoas que conheçam bem seu trabalho. Mas será uma pergunta vaga. Apenas a descrição desse surdo e a definição do andamento, já que, embora na hora tenham me impressionado também, as palavras e as frases melódicas não ficaram registradas nessa memória já tão fraca, se comparada ao que era quando eu tinha 26 anos.

No rádio do carro ouço o que pinta, dentro do que, em parte, procuro. Acabo de ouvir Fernanda Abreu cantando “Baile da pesada” com o Monobloco. Penso nos caminhos que vem percorrendo a percussão brasileira de rua, a carnavalesca, sobretudo desde que os blocos afro de Salvador ganharam a definição e a notoriedade que cresceram a partir do final dos anos 1970. Passando pelo mangue-beat, ou bit, como se chamava originalmente (ou talvez devamos dizer que há um mangue-beat, que caracteriza a levada de ao menos um dos grupos do movimento mangue-bit), pelo samba-reggae e pelo samba-merengue do Olodum (que Neguinho do Samba não tinha conseguido impor ao Ilê-Aiyê), pelo Monobloco e pelo polêmico “funk” da bateria da Viradouro, essas formações têm mais proximidade com as bandas estudantis americanas do que em geral imaginamos. Podem ser vistas em alguns filmes: são bandas de percussão informais, que reproduzem em instrumentação marcial as levadas de funk, rhythm&blues, soul e outras modalidades de música negra dos Estados Unidos. Há parentesco estreito entre essas bandas e a percussão brasileira contemporânea. Mas a influência das baterias de escolas de samba como modalidade de reprodução marcial de ritmos nascidos da música mão-no-couro dos terreiros de candomblé sobre o imaginário internacional está por ser avaliada. Lembro-me de ter lido, lá pelos anos 1980, comentário de um criador americano de disco music sobre os brasileiros não saberem o quanto a invenção do gênero devia ao carnaval do Brasil. Ele se referia às marchinhas e a tudo o mais.

O caminho do baile funk, ou funk carioca, é fascinante. Hermano Viana tem milênios de crédito por ter escrito sobre o fenômeno na fase embrionária — e vendo já tudo o que de essencial podemos ver com clareza agora. Da eleição do repertório de hits se dando de forma totalmente independente da programação radiofônica e dos interesses das gravadoras à predominância da batida umbanda-maculelê sobre o Miami bass, o funk carioca é uma história de liberdade inventiva cuja importância ainda havemos de saber reconhecer. Ouço funk no rádio do carro com meu filho mais novo. Ele gosta. Tem 16 anos. O fascínio cresce pelo fato (em princípio às vezes irritante para mim) de não serem gravações que vou encontrar em discos na livraria mais próxima da Zona Sul, cuja comercialização não é como a tradicional. Sendo ela também um fenômeno de inventividade, parece que devo manter num mundo algo inatingível as peças que ela distribui. Como minha memória não é mais lá essas coisas, fico com fragmentos de frases chulas e de sons incomuns, tudo excitando minha capacidade de fruir e de julgar.

No começo, era o Miami bass, sobre o qual uma tumbadora aguda gritava, ao longe, a célula do maculelê. E logo o maculelê, exclusividade da minha cidade de nascimento (como os festejos do 13 de Maio), foi tomando conta. Trata-se de uma forma de dança e luta que se desenvolveu em Santo Amaro, onde e apenas onde era conhecida, até alguns grupos folclóricos de Salvador a adicionarem às apresentações de capoeira que mostravam ao mundo.

Os negros na diáspora e sua conversa com o mundo. Sou um mulato nato e repito que a bossa nova é foda. Ao som do rádio do carro, sou arrastado a sentir essas movimentações sugestivas. Jobim/Nestrovski, Fernanda e Monobloco, Seu Jorge e um certo surdo, Olodum, americanos, Viradouro, baile funk. Que lugar ou momento dessas danças estamos vivendo cada vez que votamos em eleições, abordamos questões setoriais ou imaginamos como decidir sobre nossas vidas? ●

SEGUNDA DANIEL GALERA	TERÇA Pelo mundo ANA PAULA SOUSA LONDRES	QUARTA FRANCISCO BOSCO	QUINTA Pelo mundo EDUARDO GRAÇA NOVA YORK EDUARDO LEVY LOS ANGELES	SEXTA HERMANO VIANNA	SÁBADO JOSÉ MIGUEL WISNIK	DOMINGO CAETANO VELOSO
--------------------------	--	---------------------------	--	-------------------------	------------------------------	---------------------------

GATSBY em abundância

Especialistas debatem se três novas traduções lançadas em apenas um mês, na esteira da adaptação cinematográfica da obra de Fitzgerald, seriam oportunismo comercial ou oferta legítima para os leitores



“O grande Gatsby”. Versão para as telas com Leonardo DiCaprio e Carey Mulligan, que estreia no país dia 7, estimula novas edições brasileiras do clássico

BOLÍVAR TORRES
bolivar.correa.personale@oglobo.com.br

Grandes clássicos sempre merecem novas traduções. Mas o caso de “O grande Gatsby”, cuja quinta adaptação para o cinema estreia no Brasil dia 7 de junho, chega a espantar. Depois de ser transposta para o português por Vanessa Barbara (edição da Companhia das Letras), em 2011, a obra de F. Scott Fitzgerald ganhou mais três traduções apenas este ano. Duas saíram na primeira quinzena de maio (por Alice Klesck, para a LeYa; e Cristina Cupertino, pela Tordesilhas), e outra de Humberto Guedes (Geração Editorial) começará a circular nos primeiros dias de junho.

A abundância é compreensível. Primeiro, Fitzgerald caiu em domínio público há dois anos. Segundo, é a ocasião de ouro para capitalizar em cima do filme estrelado por Leonardo DiCaprio. A corrida desenfreada das editoras em torno de uma mesma obra, contudo, lança uma pergunta: não estaríamos diante de uma overdose de traduções?

Toda grande editora tem o direito e o dever de ter a sua edição de determinada obra clássica, mas acho oportunista o fato de lançarem ao mesmo tempo um livro cujo filme está chegando aos cinemas com grande alarde — opina Ivo Barroso, um dos principais tradutores brasileiros, conhecido

pelos transposições de poetas difíceis, como o francês Arthur Rimbaud. — Não estou falando mal destas novas traduções, mas se o leitor compra o livro por causa do filme, não se interessa pela tradução, pode ser qualquer uma... Geneticamente, uma tradução feita por encomenda, apenas para atender ao mercado, nem sempre vai ser feita com critério.

MAIS OPÇÕES

Hoje no topo das listas das obras mais vendidas do mundo inteiro, “O grande Gatsby” nem sempre teve uma história de sucesso. Reza a lenda que, no fim da vida, um deprimido Fitzgerald comprava os raros exemplares disponíveis nas livrarias, apenas para que ainda houvesse registro de vendas do livro. Fracasso comercial na época de seu lançamento, em 1925, o romance acabou esquecido durante anos, até ser recuperado depois da morte do autor.

O renascimento do “O grande Gatsby” pode ser acompanhado pelo histórico de traduções brasileiras. Segundo um levantamento da tradutora Denise Bottmann, a primeira foi feita apenas em 1962, pelo



renomado Brenno Silveira, em edição da Civilização Brasileira. Até a enxurrada de edições neste mês, foi preciso esperar mais de 40 anos para novas opções no país (Roberto Muggiati pela Record, em 2003, e William Lagos pela L&PM, em 2004).

— Abundância é bom, assim o leitor tem opções diferentes — avalia Paulo Henriques Britto, professor de Estudos da Tradução da PUC-Rio. — Por outro lado, seria melhor que elas acontecessem em épocas diferentes, com intervalos maiores, assim como ocorreu com as traduções em português de “Ulisses”.

Para Denise Bottmann, a encomenda de traduções diretamente derivadas do interesse comercial em aproveitar um sucesso hollywoodiano não deveria frustrar tradutores, pois “é tão honesta e digna quanto qualquer outra”.

— Agora, que é uma bobagem, do ponto de vista cultural mais amplo, sem dúvida é — pondera. — Mas quantas bobagens editoriais não existem no mundo? E o que podemos opinar quanto às decisões em-

presariais de uma editora? O que eu recomendaria ao leitor cioso é que escolha a edição com tradução de profissionais experientes e de competência reconhecida no mercado.

TRECHOS OSCUROS

Outra questão é a variedade. Já que a obra de Fitzgerald encontra-se em domínio público, não seria mais vantajoso se concentrar em títulos menos atendidos? Entre seus romances, “Suave é a noite”, por exemplo, tem apenas a tradução de Lígia Junqueira, de 1963, em circulação.

— Quanto mais traduções melhor. Só porque temos muitos Gatsbys no mercado não quer dizer que teremos necessariamente menos traduções dos outros livros — diz Vanessa Barbara. — O problema é a qualidade. Sei que estão saindo outras três na esteira do filme, e espero que não tenham sido feitas de forma desleixada para aproveitar o momento. Eu demorei uns quatro meses para finalizar o trabalho, é um livro cheio de trechos obscuros, que demanda muita pesquisa.

A complexidade do texto de Fitzgerald ainda é um desafio para os tradutores. A versão de Brenno Silveira, de 1962, continua sendo referência.

— Uma tradução como a dele preenche qualquer necessidade literária — afirma Barroso. — Não havia nenhuma utilidade em se fazer outra. ●

SEU DESEJO É UMA ORDEM CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

Entre os mais festeiros, Jamie Foxx veio em 2011 para lançar a animação “Rio” e acabou encontrando em Latino um parceiro para cair na noite carioca, em comemorações que varavam a madrugada. Will Smith, em 2005, quando esteve no Rio para lançar o filme “Hitch — Conselheiro amoroso”, resolveu passear de madrugada na Praia de Ipanema, avistou um luau e se juntou à molecada. Amy Winehouse, em sua passagem pelo Rio em 2011, matava os dias no hotel comendo pizza e bebendo champanhe, mas se lembrou de pedir aos produtores que comprassem palha de aço para manter seu cabelo sempre armado. Já B.B. King, em todas as vezes em que esteve no Brasil, só fez uma exigência no tanto fora do comum: queria comer um bom frango assado.

Outro que fez um pedido

inusitado e inofensivo foi o escritor americano Gay Talese. Ele teve duas passagens recentes pelo país, para a Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), em 2009, e para um congresso de jornalismo, em 2012. Famoso por se vestir impecavelmente, sempre de ternos bem cortados, quase sempre de chapéu, em ambas as vezes Talese pediu, assim que chegou, para trocar o quarto de seus hotéis. A razão? Os armários eram pequenos e poderiam amassar seus ternos.

— A atitude correta é tentar atender a tudo, para fazer com que a estadia deles seja a mais agradável possível. Mas a gente tem que aprender a impor um limite, dizer não às vezes. — conta Edgar Radesca, proprietário do Bourbon Street, casa de shows em São Paulo. — Já chegaram a me pedir um encontro com o pre-

sidente da República.

Há, claro, histórias mais barba-pesada. O temperamental Axl Rose, numa das passagens do Guns N’Roses por São Paulo, em 1992, foi notícia por atirar uma cadeira da janela do hotel contra os jornalistas que o aguardavam na rua. Mas o que não foi parar nos jornais é que o então baterista da banda, Matt Sorum, quis entrar na onda, pegou a balança do banheiro, correu para a janela e só não provocou uma tragédia maior porque um segurança brasileiro que estava no quarto pulou na frente dele a tempo.

Anos antes, em 1987, Gore Vidal, o escritor americano autor de “A cidade e o pilar”, morto no ano passado, veio ao Brasil para participar de conferências e entrevistas. Numa festa em São Paulo, depois de alguns dias de estadia, ele se sentiu mais íntimo de Luiz Schwarcz, editor da

Companhia das Letras, e fez um pedido: “Luiz, eu quero alguma coisa para o nariz”. Schwarcz, imediatamente, disse que iria providenciar um remédio contra o que ele pensava ser um resfriado.

“Você não entendeu. Mas não se preocupe. Aquele sujeito estava na primeira festa a que fomos, e ele vai arranjar o que eu preciso”, explicou Vidal.

O que continua sem muita explicação, porém, é a mania que os astros, sobretudo os da música, têm de pedir toalhas brancas — no Brasil para o Rock in Rio 2, em 1991, Prince teria exigido centenas delas, o que fez com que a produção revirasse motéis da Barra comprando toalhas. Brad Pitt, pelo menos, ainda não pediu as suas. Sua única exigência, até agora, é fazer atividades ao ar livre, fora do hotel.

Ou seja, vai dar trabalho. ●